FI0017-COM.PB-L4/1

A.D. Gordon

- O SONHO DA ALIÁ
- VIDA EXEMPLAR
- O TRABALHO
- FUNDAMENTOS

EDITADO POR

CHOVEVEI GORDONIA - HAMACABI HATZAIR

RIO DE JANEIRO — 1951

Êste modesto trabalho — Inspirado no lema gordonista הגשם! — foi realizado pelo esfôrço comum dos próprios chaverim:

TRADUÇÃO:

O Sonho da Aliá — Zélia
Vida Exemplar — Beatriz
O trabalho — Wolf
Fundamentos — Arnaldo

REVISÃO — Adolfo

CAPA — Moisés

EDIÇÃO — Chovevei-Gordonia

- - - Começo tudo de novo. E o que primeiro abre meu coração para uma vida como não conheci até agora, é o trabalho. Não o trabalho como meio de vida, não o trabalho como dever, mas o trabalho como finalidade de vida, o trabalho sôbre o qual resplandece uma luz nova, que constitui uma das partes da vida, uma de suas raízes mais profundas. E é aqui que eu trabalho... Mui profundo é o sentido do que faço e mui maravilhoso. Difícil é o caminho que escolhi, longínquo e escondido. São muitos os que murmuram, muitos os que meneiam a cabeça compadecendo-se de mim. Mas eu continuo observando como me mandara fazer a luz do tição que resplandece cada vez mais. E, à medida que sigo sofrendo, nem uma gôta de meu sangue, nem um adarme de minha fôrça e de minha inteligência se perdem em vão, pois cada gôta é um caminho de fogo e todo o esfôrço muscular ou mental é uma centelha de luz em minha alma que renasce. Um pouco mais e tu também, tu meu irmão, estarás comigo, trabalhando e vivendo como eu. E, por último, virá também a nossa irmã, a quem não vi desde que despertou o povo de Israel. Ao vê-los os dois unidos, trabalhando e vivendo juntos, reviverá meu espírito. E exclamarei:

"VÓS edificareis a casa de Israel! Vós achareis o caminho para o qual tendia a nossa alma, o caminho que tanto almejou Israel nos tempos que foram e para o qual o levará seu espírito nos tempos que virão. Vós vivereis a vida de Israel: a vida será como a fonte que brota com renovado vigor como um arroio de águas transbordantes. E a vida seguirá avançando e renovando-se, avançando e vigorizando-se, fluindo sempre

adiante, adiante, adiante..."

(Trecho de "O Sonho da Aliá", de A. D. Gordon.)

VIDA EXEMPLAR

A. D. GORDON nasceu em Shavuot de 1856, durante a festa da promulgação da Torah, na pequena povoação de Troiana, Rússia, onde seus pais haviam arrendado uma enorme granja. A administração da granja achava-se a cargo de sua mãe, Deborah, mulher enérgica, virtuosa e muito instruída.

Seus antecessores eram de linhagem de eruditos e sábios versados nas Sagradas Escrituras. Seu pai, Uri, dedicava-se ao estudo, sem que nenhuma outra ocupação o perturbasse. Sua mãe deu sucessivamente à luz, antes de Aarón David, a quatro crianças, sendo que tôdas elas faleceram. É de supor, pois, o cuidado e o carinho que dispensaram os pais ao único sobrevivente. Como todos os meninos mimados tornou-se fisicamente débil e constantemente estava rodeado de médicos. Êstes o proibiram de estudar até os 7 anos. Apenas cumprida a idade indicada, seus pais contrataram um bom professor. Logo mandaram-no estudar, alternadamente, em escolas de povoados vizinhos e por fim resolveram, já com a idade de 14 anos, enviá-lo a Vilna — famoso centro de estudos — a fim de que aprendesse a Torah, com professôres famosos. Um ano mais tarde voltou à cidade de seus pais, onde se comprometeu com sua prima, Feiguel Tartakow, prosseguindo nos seus estudos sob a direção do esclarecido mestre Rabi Hershka, com o qual permaneceu dois anos ininterruptos.

Aos 17 anos, o jovem Aarón David sentiu intensa vocação para os estudos laicos e os idiomas estrangeiros, aos quais se dedicou com fervorosa devoção e de tal maneira que aprendeu sucessivamente o hebraico, russo, alemão e francês.

Seu temperamento impulsivo e seu apêgo indeclinável aos princípios de equidade e justiça, que se refletiriam nos anos

sucessivos de sua existência no caráter sublime que deixou gravado em seus ensinamentos, manifestaram-se ainda em tenra idade. Quando sua família tentou por todos os meios eximí-lo do serviço militar, estando dispostos a gastar uma fortuna, se fôsse necessário, para salvar do exército seu único e apreciado filho, Aarón David se colocou enèrgicamente contra isso e declinou a proposição de casamento aos 18 anos, transferindo-a para depois que cumprisse sua obrigação. Sua mãe adoeceu de aflição, mas a resolução de Gordon era inabalável. Não aceitava o jovem Aarón David subtrair-se a uma obrigação através do subôrno, porque estava certo de que ao eximir-se do serviço militar mediante o dinheiro, colocaria outra vítima em seu lugar. Com isto revelou Gordon tôda madureza de espírito, o sentido de justiça e equidade que o animava, acima mesmo do amor que professava aos seus genitores.

O exército não o aceitou em suas fileiras por causa de sua debilidade física. Casou-se então e estabeleceu-se na cidade. Aqui se cristaliza definitivamente no subconsciente de Gordon o que mais tarde expressaria tão magnífica e nìtidamente na filosofia gordoniana. A cidade lhe produz repugnância. Suas primeiras 22 primaveras as tinha vivido no seio da natureza. No princípio na granja e, logo, num imenso bosque do qual seu pai era arrendatário. A natureza influiu sôbre êle com fôrça magnetica. As impressões gravadas em seu espírito por obra dêsse contato supremo, permaneceram indeléveis para o resto de sua vida. Sua aspiração constante foi, desde logo, voltar a edificar sua vida individual no meio da natureza.

SÒMENTE conhecendo essa época de sua vida podemos compreender a essência de sua chamada para o retôrno ao seio da natureza, assim como tôda a sua concepção filosófica sôbre a comunhão do homem com a natureza. Ao contrário dos pregadores que o precederam, que idealizavam a natureza numa linguagem abstrata e desligada da realidade, sòmente porque lhe produz náuseas a civilização urbana, Gordon se apoiou em manaciais eminentemente positivos, como o de seu próprio contato, direto e íntimo, com a natureza, com a qual logrou estabelecer uma relação profunda e simples ao mesmo tempo. Por conseguinte, lhe era estranha a teoria da corrupção da cultura e da necessidade de abandoná-la e voltar ao estado do homem primitivo. Muito pelo contrário, Gordon pregou a cultura e estabeleceu que em seu desenvolvimento e regeneração reside a missão do homem sôbre a terra. Êsse caráter construtivo de seu programa de ação, o distingue dos socialistas utópicos que o precederam, alguns dos quais, como Owen e, até certo ponto, Sismondi, juntamente com seu chamado de "regresso à terra", formularam a estranha pretensão de "dissolver" a indústria na agricultura, dissolução impregnada de um espírito de regressão técnica, tal como, por exemplo, a substituição do arado pela enxada.

De acôrdo com os postulados da cultura humana formulados por Gordon, a evolução genuína será realidade quando fôr consequência do trabalho do homem e de sua existência transladada ao seio da natureza. Não seria supérfluo recordar que o mesmo Gordon, com seu caráter firme e seu apêgo fanático aos princípios que traçou, converteu-se em alma ardente e modêlo da realização íntegra de seus ensinamentos.

OS 23 anos de vida subsequente no Galuth lhe causaram muitos dissabores, apesar de haver gozado uma posição desafogada por sua situação de funcionário nos imensos domínios de seu parente, o Barão de Guinsburg. Teve sete filhos dos quais sobreviveram sòmente dois, sendo que a morte de cada um dêles trazia-lhe profunda tristeza. As leis restritivas ditadas contra os judeus e sua implacável aplicação pelas autoridades russas, causavam crescente indignação em Gordon. Mas o que mais lhe afligia era sua posição de funcionário e o ambiente que o rodeava, o qual em nada correspondia ao seu

espírito. De caráter impulsivo, transbordante de vontade, aspirava constantemente a dedicar-se ao trabalho criador. Alma pura, despida de todo o passionismo e do sentido do ódio, êle professava contudo um ódio profundo — um único — a tôda espécie de trabalho mecânico. E precisamente o seu era o modêlo de trabalho mecânico. Fàcilmente se explica, pois, que sua função lhe causasse verdadeira repugnância. Naquele ambiente cheio de mesquinhez, aprendeu a desprezar a mediocridade da alma dos empregados que o rodeavam, protótipos dos autômatos servis, carentes de ideal, desprovidos de tôda a inquietude superior, em uma palavra, fundidos num mesmo molde.

Não foram poucas as vêzes em que Gordon se viu obrigado a abandonar seu emprêgo por injustiças cometidas por funcionários de maior hierarquia contra trabalhadores indefesos. O descontentamento fervia em suas veias. Sem embargo, Gordon não se deixou guiar pela amargura que o dominava. Tratou de achar consôlo em atividades de caráter construtivo. Sua personalidade, exuberante de confiança no porvir, a sua palavra inflamada, lograram atrair a juventude judaica — desde o adolescente até o infante — para ensinar-lhes o rumo da insurreição nacional, o amor a Sion, a renovação do homem e da sociedade. Logo o nome de Gordon se converteu em símbolo de abnegação, idealismo e integridade moral, até tornar-se em pai espiritual da juventude, cuja educação considerava condição prévia de redenção da sociedade humana.

Essa foi a trajetória do mestre Gordon, educador da juventude israelita, à qual dedicou suas melhores energias e recursos. Sua casa, seus livros, converteram-se em elementos essenciais para assembléias e esforçada ação de proselitismo e difusão cultural. Os maiores o veneravam; seu nome corria pelos lábios da gente do povo como o de um ser que houvesse irrompido da lenda. Quando, numa sexta-feira à noite, anunciava-se na sinagoga uma palestra sua, o edifício se enchia de canto a canto.

RUMO A ERETZ ISRAEL

POR fim, chegou o momento mais culminante na vida de Gordon: sua aliá para Eretz Israel. Durante anos seguidos, esta aspiração representou para êle uma necessidade indeclinável que dominava todo o seu ser. Ali e ùnicamente ali, poderia pôr em prática seus ideais, realizar seus ensinamentos com os próprios braços. A possibilidade de livrar-se daquela vida de Galuth — servil e prejudicial — o convertia em visionário.

Numerosos obstáculos se opunham ao caminho da realização. O principal consistia no fato de que não podia abandonar os velhos pais em seus últimos dias. A responsabilidade de sua própria família era um impedimento adicional. Travou-se uma luta aguda entre dois princípios morais: o dever para com a família e o para com a sua consciência íntima. Finalmente, falecidos pai e mãe, o caminho pareceu aplainado. Mas ainda não o estava de todo. Os pais da espôsa insistiram para que se dirigisse pra a Argentina, onde os esperaria um futuro mais cômodo. Então interveio sua mulher, êsse anjo da guarda que compreendia os movimentos de sua vida, e declarou: "Se temos que abandonar esta terra, será para nos dirigirmos a Eretz Israel".

Os 48 anos de Gordon não representavam, ante seu espírito pungente, nenhum obstáculo para que nesta idade, relativamente avançada, se transladasse para aquela peregrina terra, objeto de seus ensinamentos, e que conhecia, até aquêle momento, ùnicamente no vasto espaço de sua imaginação.

Em fevereiro de 1904 fêz o balanço de sua família, deixou para sua espôsa as poucas centenas de rublos que possuía e logo que se convenceu que seu filho e sua filha poderiam prover-se, abandonou as estepes inóspitas da Rússia rumo à terra de seus sonhos.

NA TERRA DA PROMISSÃO

AO "ascender" a Eretz Israel, começa a lavrar sua obra, aquela cujo reflexo se vislumbra em seus escritos. Êstes não representam a realização máxima de sua vida. Pelo menos, êle mesmo não os considerava como tais. O maior ideal de sua existência levava à prática ao pisar solo palestino, quando colocou em execução sua resolução de contrair aliança eterna com o trabalho. Seu obstinado e constante cumprimento dessa norma sagrada durante dezoito anos consecutivos, até o último dia de sua vida, engrandece descomunalmente sua doutrina e o converte em patriarca da classe obreira em Eretz Israel. Não o impediram de empunhar as ferramentas de trabalho, nem os 48 anos que contava ao chegar a Eretz Israel, nem suas possibilidades para uma vida mais cômoda e mais tranquila, nem seu físico débil. Seu convencimento do valor educativo na difusão de um ideal tão elevado, o converteria, agora, em mestre social das massas cuja existência humana e nacional se esforçava por regenerar. Não tinha nenhuma dúvida de que o trabalho representa a missão essencial, não sòmente dos judeus de Eretz Israel, senão de todo indivíduo, qualquer que seja sua terra e raça. Acreditava firmemente que o trabalho regenera o corpo e reeduca o espírito. A dificuldade não reside na função do trabalho, senão nos costumes assimilados durante gerações consecutivas, na falta de compreensão e na carência de conhecimento sôbre sua essência, na falta de regulamentação e regimes adequados para a implantação de uma existência universal baseada sôbre o trabalho. É possível sobrepor-se a todos êstes obstáculos pela fôrça de vontade.

Para isso, é preciso armar-se de consciência, fé e vontade, elementos com os quais se achava Gordon ricamente dotado e com os quais levou à prática o que outrora pertencia aos ensinamentos.

*
* *

AS obras de Gordon foram publicadas mais tarde. Elas serviram para melhor robustecer suas próprias bases ideológicas e para difundir seus ideais. Mas é preciso destacar aqui uma verdade essencial de sua vida. Mais do que qualquer propaganda, influenciou seus semelhantes sua prédica silenciosa, aquela que não se emite com expressões escritas ou faladas — sua prédica muda, qual seja seu trabalho e sua vida exemplar de batalhador.

Seus escritos tiveram, no princípio, a importância de quem os escrevia, mais do que o que nêles se expressava. Por derivar de sua pena, cada palavra era sagrada para seus adeptos. Depois de muitos anos, quando no ambiente das letras se começou a considerar o conteúdo de seus ensinamentos, começou-se também a reconhecer o valor intrínseco e profundo de suas obras.

Merece também menção sua assombrosa modéstia, que o eleva sôbre um pedestal de nobreza e moralidade poucas vêzes registrado entre os mortais. Ao constatar que o citam como modêlo de homem que se sacrifica por um ideal, repreende severamente aos "culpados", pois que para êle isso constitui um sacrilégio à essência mesmo do trabalho.

*
* *

AO chegar a Eretz Israel dirigiu-se às colônias em busca de trabalho. Os granjeiros, como é lógico, desconfiaram da capacidade física de um homem débil e já entrado nos anos. Ademais, naquela época era difícil achar trabalho em Eretz Israel. Seus admiradores lhe propuseram um emprêgo "conveniente", o que Gordon considerou como uma ofensa. Êle não viera a Eretz Israel, desde a longínqua Rússia, para prosseguir na profissão de empregado. A ressurreição nacional e a

quais se regem pelas normas imperecíveis que Gordon legou àquela ardente juventude, descendência viva de Gordon e seu legado mais expressivo. Os que atualmente prosseguem neste rumo podem, com legítimo orgulho dizer dêle:

"Houve um homem que viveu e que não está morto, pois sua continuação em nós representa a reincarnação viva dos postulados do grande mestre."

Sôbre seu túmulo, à margem daquele rio várias vêzes milenário na história de Israel, cheio dos odores de Degania, ali onde o mar Kinereth estreita em poderoso abraço a língua d'água que o Jordão lança, se acha sintetizada em única sentença, sua fecunda e genuína criação:

"Lavrador do homem e da natureza".

O TRABALHO

A QUESTÃO FUNDAMENTAL

(Trechos)

"Tudo que a vida cria em
nome da vida — é cultura."

Redenção do solo e do trabalho. Pode alguém deixar de compreender que se trata de dois aspectos do mesmo problema? É algo tão claro, tão simples. Quem não o entenderia?

Nossos sábios já afirmaram que são precisamente as coisas mais simples as que mais difìcilmente são aceitas pelos homens.

...Um povo que foi totalmente separado da natureza, que durante dois mil anos permaneceu encerrado entre muros, um povo que se adaptou a tôdas as formas de viver, menos à vida do trabalho, êste povo não pode voltar ao primitivo es-

tado de povo vivo, normal e trabalhador, sem pôr em jôgo tôda a sua fôrça de vontade. Carecemos do elemento principal. Falta-nos o trabalho, não o trabaho por obrigação, senão essa espécie de trabalho pelo qual um povo vai se arraigando a seu solo e à sua cultura. É certo que nem todos os indivíduos dos demais povos vivem de seu trabalho; também entre êles existem muitos que não lhes agrada trabalhar e tratam por todos os meios de viver à custa do trabalho alheio. Porém num povo vivo, seu organismo funciona em uma forma normal e o trabalho é uma das principais funções orgânicas que se realiza também orgânicamente. Um povo vivo possui sempre uma grande maioria para quem o trabalho constitui uma segunda natureza. Entre nós não é assim: nós desprezamos o trabalho. Mesmo entre os trabalhadores existem aquêles que trabalham por obrigação e com a esperança constante de um dia livrar-se do trabalho e "levar uma boa vida". Não devemos enganar-nos a nós mesmos, é preciso que renconheçamos até que ponto estamos afetados neste sentido, quão estranho tornou-se o trabalho a nosso espírito, não sòmente no sentido individual, mas também no sentido nacional. É bem característico, a êste respeito, o ditado:

„זכה, מלאכתו נעשית על ידי אחרים"

"Quando Israel cumpre a vontade do Senhor, o trabalho é realizado por outros". Entre nós, isto não é simples provérbio. Consciente ou inconscientemente, êsse sentimento se converteu numa segunda natureza, numa atitude subconsciente que trabalha dentro de nós...

— Que trabalhe o gentio e nós... nós criaremos cultura, valores nacionais, imporemos ao mundo o império da justiça absoluta.

Porém, qual o caráter da cultura que nos propomos criar? A essa cultura nós chamamos "renascimento espiritual". Significa que o espírito que tentamos criar não é um espírito vivo, que enche e vitaliza o organismo inteiro e que, por sua vez, recebe do organismo a sua fôrça vital. É, ao contrário, uma espécie de espírito abstrato, segregado, escondido nos confins do coração e do cérebro. É uma cultura preocupada eminentemente com as idéias. E em matéria de idéias um pode aderir ao conceito do mundo que propiciam os ensinamentos de Hermann Struck e do Rabino de Lida, e outro sustentar a "Weltanschaung" da escola de Marx e Engels.

Dêste ponto de vista estamos acostumados a considerar a cultura, pois às vêzes a cultura floresce mesmo na Diáspora. Porém, falando objeti-

vamente, não temos, nem poderíamos ter uma cultura no Galuth, isto é, uma cultura viva, que se nutre da vida e se desenvolve por si mesma. Carecemos de cultura porque não temos vida, já que a vida na Diáspora não é nossa vida. O que possuímos na Diáspora são determinados bens culturais que recebemos em herança do passado e que nós reformamos em momento de necessidade, de acôrdo com o espírito do ambiente que nos rodeia e da hora em que nós vivemos, quer dizer, em harmonia com a vida que somos obrigados a viver, seguindo o molde das existências alheias, obedecendo à vontade dos demais e também de acôrdo com a corrente espiritual que prevalece nos mundos alheios. Possuímos, ademais, uma certa capacidade de adaptação que desenvolvemos na Diáspora, uma habilidade particular para modelar as realizações dos demais a nosso gôsto, para converter o resultado do trabalho alheio em "pratos" que satisfaçam ao nosso paladar. Porém estamos ainda muito longe de possuir uma cultura viva.

...Uma cultura viva abrange a totalidade da vida. **Tudo o que o homem cria em nome da vida é cultura.** O cultivo da terra, a construção de casas e de tôda espécie de edifícios, a pavimentação dos caminhos, etc., cada objeto de trabalho, cada ação, cada fato é um elemento de cultura. São êles a base da cultura, o material de que está feita. A ordem, o aspecto, a forma, o modo como as coisas estão feitas, estas são formas de cultura. O que o indivíduo faz, sente, pensa, enquanto trabalha e enquanto descansa; as condições que derivam destas situações junto com a natureza viva que está por debaixo de tôdas estas relações, tudo isso entra no espírito da cultura. De tudo isto nutre-se a cultura que é chamada superior, ou sejam, as ciências, as artes, as crenças e opiniões, a poesia, a ética, a religião. A cultura superior, ou a cultura no seu sentido restrito, é o "creme" da cultura geral, da cultura no seu sentido mais amplo. Mas é possível, por acaso, fazer creme sem leite, ou poderá ocorrer que alguém faça creme com leite alheio e que êste creme lhe pertença?

E que é que buscamos em Eretz Israel, senão aquilo que não podemos encontrar em nenhuma outra parte do mundo: o leite substancial da cultura? Não é cultura acadêmica o que viemos criar agora, quando ainda nos falta tudo. O que viemos criar é uma cultura viva, na qual a qualidade acadêmica se encontra implícita em tôdas as suas células e átomos, cultura viva que só necessita ser agitada para obter dela o "creme", a cultura superior. Propomo-nos criar crenças, conceitos de vida, a arte de vida, a poesia e a moral da vida, a

religião da vida. De tudo isso, forjaremos um laço vital, êsse vínculo vivo que liga o presente com o passado. Viemos criar vida, vida nossa e em consonância com o nosso espírito e por meios também nossos.

...Tudo o que pretendemos em Eretz Israel é forjar com nossas próprias mãos tôdas estas coisas que formam a vida, realizar com nossas próprias mãos tôda a classe de trabalhos e de indústrias, desde as mais belas, hábeis e fáceis até as mais rústicas, desapreciadas e difíceis. Sentir tudo aquilo que quem trabalha nestas coisas sente, pensar o que êle pensa, experimentar o que êle experimenta, mas a nosso modo. Então poderemos dizer que temos cultura própria, pois teremos vida própria.

Que ensinamentos extrair de tudo isto?

Para mim a coisa é simples e clara. **Nosso ideal primordial deve ser o trabalho.** Por falta de trabalho temos fracassado (não digo pecado, pois não fomos nós os culpados desta situação) e por meio do trabalho nos reabilitaremos. Devemos colocar o trabalho no centro de nossas aspirações, assentar sôbre êle tôda a estrutura de nossa obra. Se fazemos do trabalho mesmo nosso ideal, ou melhor, se fazemos reluzir o ideal do trabalho, poderemos curar-nos do mal que nos afeta e coser os rasgos que nos afastaram da natureza. O trabalho é um ideal humano elevado, é um ideal do futuro. E um grande ideal é uma espécie de sol que cura. Ainda se fôsse certo que a história não tem por finalidade ilustrar nem impor ensinamentos morais, ainda assim todo aquêle que esteja dotado de visão pode e deve tirar ensinamentos dela. E nossas experiências passadas e presentes teriam que bastarnos para aprender isto: que devemos ser os primeiros nesse sentido, que devemos trabalhar!

Nosso renascimento reclama de nós um espírito novo.

—:) — (:—

...Comecemos, pois, criando um espírito novo. Comecemos aqui, exatamente neste mesmo lugar, que foi onde experimentamos a primeira derrota e sôbre o qual viemos assentar os fundamentos. Comecemos e acharemos o caminho.

Necessitamos de fanáticos da causa do trabalho. Fanáticos, se subentende, no sentido mais nobre da palavra.

Para aquêle que entrega a alma a êste ideal, é demasiado explicar-lhe quão difícil é a tarefa que o aguarda. Mas tampouco faz falta explicar-lhe até que ponto ela é necessária.

FUNDAMENTOS

I

"Tôdas as tentativas de renovar a vida humana mediante novos sistemas sociais que não comecem pelos alicerces — a renovação do homem — são meros paliativos."

O renascimento do povo judeu em Eretz Israel constitui a essência do nosso ideal. O que nos resta aclarar é a forma que êsse ideal adotará, ou seja, que contornos assumirá êsse renascimento.

Devemos começar estabelecendo claramente que nosso movimento nacional tem potência criadora. Não se reduz nem à ordem social, nem ao espírito da sociedade. Seu alcance é mais amplo e sua concepção mais profunda. Nasce das próprias fontes da vida, da natureza e da realidade cósmica, e reclama o espírito e a ordem próprias dessa existência.

A vida coletiva do homem, assim como a dos demais sêres vivos, está baseada essencialmente sôbre a **família**. Esta unidade limitada evolui para um organismo mais amplo, ou seja, a **nação**. Em outros têrmos: o indivíduo que em si mesmo está composto de células e órgãos, une-se a outros indivíduos semelhantes para formar a nação — organismo superior, — a qual elabora sua existência coletiva, tal como o indivíduo forja sua existência particular. Êste é o primeiro elo da vida coletiva; a partir desta etapa começa uma ordem nova.

O povo, individualidade coletiva, combina-se e une-se com os demais povos, para constituir uma nova associação: a **humanidade**. A célula, o elemento primário do corpo da humanidade, é, pois, o povo. O povo e não o indivíduo, o qual se acha, com respeito à humanidade, na mesma relação que a célula fisiológica com respeito ao corpo humano. Esta é a ordem do universo e, em especial, da natureza animada. Os átomos não forjam nunca uma individualidade superior isolada, senão que se conjugam, formando, sucessivamente, moléculas, células, membros e, por fim — organismos. E êstes organismos se combinam, por sua vez, em unidades coletivas mais complexas.

Tais amálgamas superiores não se apresentam sòmente entre os homens, mas em tôdas as partes em que haja vida e criação coletivas, por exemplo, entre as formigas, abelhas, etc. A renovação da vida social, da vida humana em conjunto e, particularmente, a renovação da nossa vida judaica, divorciada da natureza, sòmente poderá ser uma realidade se se basear na regeneração de nosso povo, da família, cuja existência deriva, conforme temos visto, da vida cósmica.

O trabalho da renovação vital é a obra do homem desde os seus fundamentos, de auto-educação dos obreiros de todo o povo, de tôda a humanidade. Sua essência é o desenvolvimento da consciência íntima, a evolução do sentido do trabalho criador e da suprema responsabilidade individual para tudo que signifique v i d a e c r i a ç ã o, quer sejam estas próprias ou alheias.

Extenso e difícil é por certo êste caminho; exige uma nova atitude frente à vida, uma forma diferente de trabalhar e lutar por ela. Porém nenhum outro caminho abre-se ante nós.

II

Tôdas as tentativas de renovar a vida humana mediante novos sistemas sociais que não comecem pelos alicerces, não são senão meros paliativos, capazes talvez de aplacar a enfermidade temporàriamente, de um modo superficial e enganador, mas

que sòmente conseguem desviar a atenção das verdadeiras causas do mal. Pode acontecer que mude a aparência, mas o conteúdo continuará sendo o mesmo, pois o homem não tinha mudado. A escravidão, o espólio, a mentira, a fealdade — tôdas essas injúrias à dignidade humana não diminuirão, enquanto persistir a causa fundamental que as forma.

É natural no homem, como em todo ser vivo, o desejo de tudo quanto possa oferecer-lhe prazer ou satisfação, chame-se felicidade, bondade ou luz. O que origina confusão é que o conceito do bem e da felicidade não é definitivo nem constante, senão que varia com o desenvolvimento do espírito humano, assim como varia o alimento do corpo, de acôrdo com o crescimento do indivíduo. Está claro, que é inadequado sustentar um adulto com alimentos próprios a uma criança, pois traria, forçosamente, graves desordens. O que chamamos de egoísmo, o hábito de satisfazer os apetites do corpo e também a ambição de honras, de poder, etc. não constitui um atributo da vida superior, senão que é característico da infância da humanidade. Quem vive guiado por essas tendências, vive nas esferas inferiores — no melhor dos casos, talvez nas medianas — mas de maneira nenhuma nas esferas superiores de sua própria personalidade. Não chegará nunca às alturas daquele que, por exemplo, ama música, se dedica a ela e cria novos valores musicais, achando satisfação mais profunda e elevada que a proporcionada por seus instintos.

Uma forma mais elevada de vida, é vivê-la integralmente, ultrapassando os limites da própria personalidade, em participação com tudo que vive e que existe, até o infinito. Êste aspecto superior da vida não é uma fantasia ou um mero ideal: é inerente à natureza humana. Quando uma mãe de um ser vivo qualquer sacrifica sua vida para salvar o fruto de suas entranhas, não o faz por um imperativo da moral ou para cumprir um ideal, senão que com esta ação vive mais além de sua vida individual, vive na alma de seu filho, que lhe é mais caro que seu próprio ser.

Prestando atenção, acharás na alma humana duas tendências opostas que se excluem mùtuamente: de um lado, a franca inclinação ao gôzo da vida, à satisfação dos apetites, o que constiuti a máxima limitação do ego, uma tendência egoísta e obtusa que não conhece nada fora de si mesmo; e por outro lado uma inclinação oposta e misteriosa, uma nostalgia oculta pela vida espiritual que não admite gozos inferiores e que está por cima das satisfações egoístas.

Esta contradição da alma humana que oscila entre duas tendências, para a vida limitada

e para a vida expansiva, dir-se-ia que tem por objetivo ensinar-nos que a vida ideal do homem, a vida a que a alma humana aspira e para a qual se esforça aproximar-se, não é mais que a fusão dêstes tipos de vida numa harmonia superior. A contradição seria a fôrça motriz que, como tôda fôrça produtora de movimento, se compõe de ação e reação. O homem, suprema aspiração da natureza viva, encontra-se, no limite da vida restrita e da vida ampla, no ponto em que o céu se encontra com a terra. Sua alma abre-se às duas esferas, que se completam mùtuamente: a esfera da limitação constante e aquela que se expande até o infinito. O movimento circular, de uma à outra esfera, origina na alma do homem a suprema luz.

III

Assim é a aspiração íntima. Qual será sua expressão na vida que desejamos? Não podemos prevê-la, dado que ela dependerá da fôrça criadora e portanto, será determinada pela própria corrente da vida. Sòmente podemos marcar, a grandes traços, a tendência da atividade vital que se nos depara, a nós, a humanidade em geral, e ao povo judeu em particular.

O propósito é: a renovação da natureza humana, no meio da natureza universal.